

---

# Thanatos: Mitologia, Filosofia, Antropologia

---

Giovanni Baruffa<sup>1</sup>

“Notre nature est dans le  
mouvement,  
Le repos entier est la mort”.  
Pascal: Pensées: 641.

---

**RESUMO:** A morte é um evento natural que interessa a todo ser vivo: uma dívida contraída ao nascer. O *homo sapiens* é o único ser que tem consciência da morte, o único a saber e viver na certeza de que irá morrer. A certeza do evento associa-se à dificuldade em aceitá-lo. Por isso, desde os primórdios da humanidade, o homem criou mitos cuja função foi afugentar o medo da morte, neutralizá-la mediante a convicção de que a morte abrirá o caminho para outra vida. Podemos dizer, a este propósito, que a história da cultura e das civilizações humanas encontra-se inscrita nos túmulos e nos é contada por eles.

Hoje, infelizmente, a morte perdeu o direito de cidadania e tornou-se a “Grande Apólida”, escondida, rejeitada, considerada “obscena”. Falar ou escrever sobre ela é de extremo mau gosto. O que se enaltece, hoje, é a vida e o mito da eterna juventude.

Só a Igreja, depositária dos ensinamentos de Cristo, teima em nos lembrar que a morte é o preço a ser pago pelo pecado de origem. Ela, todavia, foi vencida pelo sacrifício do Filho de Deus que, aceitando-a, se colocou ao nível dos mortais, para, depois, vencê-la com a sua Ressurreição. Para o cristão, o dia da morte é o *Dies Natalis*, o dia do nascimento para a eternidade no convívio dos eleitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** morte; literatura; antropologia; recusa; aceitação; visão cristã.

---

Fascinante, mas, sem dúvida, pouco alegre falar da Morte. Ninguém pode furtar-se de pensar nela; isto distingue a condição humana: a imensa superioridade intelectual diante dos brutos,

---

<sup>1</sup> Médico, doutor em Medicina pela Universidade de Pádua, especialista em doenças tropicais, medicina do trabalho, reumatologia, professor emérito da UCPel e da FURG.

superioridade geradora de angústia e neurose. “Não nasce em mim pensamento sem que nele esteja contida a morte”- assim se expressa o espírito titânico e atormentado de Miguel Ângelo. Será que é assim para todos? “Quanto mais nos aproximamos da tumba, mais a morte se afasta do nosso pensamento” e “os velhos falam raramente da morte” escreve Axel Munthe; e continua “gradualmente com o enfraquecimento da memória, o passado torna-se cada vez mais indistinto e se vive inteiramente no presente”.

Familiar a nós médicos, ela revela-se nas pupilas dilatadas e fixas, nos músculos tensos, num último e angustiante respiro, nos rostos contraídos, nos espasmos de agonia, na máscara do sofrimento.

É isso a Morte? Ou não é a Vida que tortura e apavora as criaturas antes de abandoná-las para sempre? *Vitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras*, diz VIRGÍLIO (“e a vida foge desdenhosa e gemendo entre as sombras”).

É a Morte castigo para um pecado que nós não cometemos? Ou é ela uma lei da Natureza, talvez a mais sábia entre todas?

É ela o lúgubre esqueleto, armado de foice, desdentado, que dança a sua *Danse Macabre* nos afrescos das catedrais góticas e nos claustros medievais?

Ou é ela o cadáver que empresta o ar com sua podridão obrigando os vivos a virar a cabeça e tapar o nariz, como a fé ingênua e profunda de Bonamico Buffalmacco a pintou no século XIV no cemitério de Pisa?

Claude Bernard definiu a Vida como criação: *La Vie c'est la creacion*. A Vida repete-se, cria-se numa seqüência sem fim desde sua aparição na noite dos tempos até sua extinção com o colapso do sistema solar.

E o que é a Morte? É ela uma dívida contraída ao nascer? É quanto afirma Eurípedes no *Alceste*: “Os mortais têm uma dívida: todos devem morrer”. E Shakespeare, no “Henrique IV”, joga com a assonância *Death-Debt* para afirmar a mesma coisa. A Morte é então uma dívida; a nós são escondidos o dia e circunstâncias da quitação.

*Mors sola fatetur quantula sint hominum corpuscula*, lembra-nos JUVENAL (“somente a Morte mostra quanto mesquinhos são os corpos dos homens”). No dizer do mesmo, mais medo que a Morte provoca-nos a velhice: *Morte magis metuenda senectus*. E Sêneca, o filósofo preceptor de Nero, que foi obrigado a abrir as próprias veias a mando do cruel imperador, lembra-nos que desejar a morte é mal, mas dela ter medo é pior: *Mors optare malum, timere pejus*. A mesma opinião é compartilhada por Publio Siro: “O medo da Morte é mais cruel que a Morte mesma” – (*Mortem timere crudelius est quam mori*).

Horácio lembra-nos que a Morte é o último limite das coisas: *Mors ultima linea rerum est*. Com ela, dissolve-se todo vínculo contraído na vida; *Mors omnia solvit* como reza um antigo adágio jurídico. E com ela desaparecem todas as situações hierárquicas impostas pela força ou pela Lei. *Mortuo leoni et lepores insultant*: (“o leão morto é insultado até

pelas lebres”), lembra-nos um adágio da Idade Média. Será que o medo não é ligado também a isso?

O não será a Morte um anjo: *Thánatos*, filha da Noite, irmã de *Hýpnos*, o Sono, e dos Sonhos? A *fanciulla* (menina) Perséfone, raptada à mãe Demetra por Hades, o senhor dos Infernos? Perséfone subtraída aos Infernos por Hermes para ser devolvida a Demetra? Perséfone que come a romã oferecida por Hermes, selando um pacto de morte doce como o mel? *Thánatos*, irmã de *’Éros*, ambos filhos da Noite, o rosto sorridente de criança, as asas úmidas e gotejantes de orvalho, um orvalho que adormece num sono de paz infinita, eterna?

*’Éros* e *Thánatos*, Amor e Morte, numa seqüência infinita imortal desde Orfeu e Eurídice até os dias de hoje?

Sabemos que devemos morrer. É essa certeza o marco da nossa superioridade no reino animal. Não sabemos o que nos espera após. Estamos no mesmo nível de conhecimento dos antepassados neanderthalianos: angustiados e frustrados.

Foi sempre difícil aceitar a idéia que tudo irá acabar. Nosso anseio de eternidade nos projeta num mundo de espíritos que nossa razão nem sempre é disposta a aceitar. A Fé, chama pequena, trêmula, continuamente ameaçada de apagar-se, de ser ofuscada pelo brilho das luzes do progresso tecnológico, procura reafirmar uma tímida confiança.

Pouco sabemos da Vida, menos do espírito, nada da Morte.

Qual foi e qual é a reação do homem frente ao mistério que a Morte traz consigo? Que valor tem no desdobrar da existência humana a certeza da Morte? Que valor tem no sofrimento que acompanha a existência?

Será a Morte condenação ou libertação? O destino do homem é o nada absoluto ou a *Angelica farfalla*, a mariposa angélica, contemplada pela fé ardente e inquebrantável do Divino Poeta Dante?

É a Morte inimiga ou amiga? Amiga ao ponto de ser chamada Irmã, *Sorella Morte*, pelo *Poverello di Assisi* no sublime *Cantico delle Creature*?

*Laudato sí mí Signore per nostra corporale Sorella Morte*, cantou S. Francesco, *il Poverello*, num ímpeto de amor para com todas as criaturas, criatura ela também, obediente aos desígnios do Criador, lei da natureza.

Quando o indivíduo é realmente morto? Quanto pára de respirar? Quando o seu coração pára de bater? Ou será um indivíduo morto mesmo quando os sinais vitais não são ainda completamente apagados? Muitos primitivos acreditam e acreditaram nisso. Para eles, um indivíduo morre quando o hospedeiro do corpo, aquele que nós chamamos alma, o abandona e isso pode acontecer mesmo antes da morte física.

Na nossa angústia existencial, queremos medir, pesar, quantificar tudo, reduzir qualquer fenômeno vital à fórmula matemática, à reação química, à seqüência físico-química, a potenciais elétricos.

O que é a Vida de um ponto de vista químico, físico, elétrico? O que ocorre com a Morte?

O homem, rei da criação, é também senhor da vida? Pode dispor da vida e da morte? Até que ponto tem ele o direito de tirar a vida a seres inúteis, a indivíduos perigosos, a fetos e embriões? E quando é um ser inútil, um indivíduo perigoso, irrecuperável?

São estas questões de premente atualidade, hoje mais que ontem, em virtude dos desafios que o homem atual está lançando à própria natureza humana e à própria vida desde o seu começo até sua conclusão. A Vida, que sempre foi considerada um dom de Deus, hoje foi declassificada como simples fenômeno físico-químico que pode ser manipulado *ad libitum*, quer dizer, de acordo com a vontade e os interesses humanos.

Os primitivos, apesar de testemunhar a presença da Morte, não têm idéia da sua inevitabilidade. Para eles, a Morte é um castigo, uma desgraça, algo de mau produzido por forças sobrenaturais ou mágicas. Até o momento da morte não é avaliado pelos mesmos parâmetros nossos. Para nós, “civilizados”, um indivíduo morre quando pára a respiração, pára o coração, apaga-se toda e qualquer atividade cerebral de forma definitiva. Para o primitivo, um indivíduo pode estar morto apesar do seu coração ainda bater e apesar de ainda respirar. A morte acontece quando o espírito que o seu corpo abriga o deixa, e isso coincide com a suspensão da vida de relação, o que pode anteceder à morte física. Aliás, o espírito pode deixar o corpo em qualquer momento, por exemplo, nas transe, nos sonhos.

Comum entre os primitivos é a convicção que a Morte não é definitiva e que o defunto de alguma forma ainda vive. Tal convicção provoca sentimentos de medo frente ao defunto. Defunto que, para o primitivo, não tem o sentido que para nós tem o termo *defunctus*, quer dizer: “sem função”, coisa, lixo. O espírito do defunto ainda vive e pode aparecer e reclamar do tratamento que lhe foi, ou não, reservado.

O medo gera três tipos de reações encontradas em níveis culturais diferentes:

- a- abandono do cadáver e fuga do lugar da morte: reação primordial, comum entre os animais e ainda vista entre pastores da África;
- b- cuidados para que o defunto não se libere da sua condição e possa vir a apavorar ou prejudicar os vivos. Desses cuidados deriva uma série de práticas, algumas das quais ainda perduram nos costumes funerários de muitas culturas como: fechar a tumba com pedras pesadas; pregar o defunto em tábuas; amarrá-lo firme com cordas ou faixas; transpassar o crânio com pregos; fechar o cadáver em caixões; cremá-lo para ter a certeza que a morte é definitiva; retirá-lo da tumba após o enterro provisório para o enterro definitivo, prática esta comum entre os Bororos do Mato Grosso;
- c- culto dos mortos que consiste em tratá-los como se estivessem ainda em vida: providenciar a eles comida e objetos pessoais; considerá-los ainda participantes da vida da

comunidade; sacrificar a eles animais ou sacrifícios humanos para aplacar o seu espírito, prática esta comum entre os caçadores de cabeças; implorar o seu auxílio nas dificuldades; conservar parte do seu corpo: crânio, mãos, etc., considerados possuidores de força particular: o Mana.

Do culto do crânio deriva a prática de esculpir as máscaras que representam os defuntos e as cerimônias nas quais são usadas servem não só para venerá-los, mas sobretudo para endereçar as forças mágicas deles em benefício da comunidade.

Do culto dos mortos passa-se ao culto dos antepassados: o Manismo e, por extensão, a cultuar tudo aquilo que com eles teve relação: a Pátria e seus símbolos, a cultura, as artes, os heróis nacionais, a raça, a língua e, sobretudo, a religião.

Conseqüência dos medos dos defuntos são os costumes de luto: vestimentas de cores e feitio particulares, pinturas da face e do corpo, deixar crescer a barba, etc. Tais procedimentos teriam a função de enganar os defuntos, escondendo a identidade dos parentes e familiares, para assim protegê-los de possíveis vinganças, pela raiva do defunto excluído da comunidade.

Os costumes de luto têm também a função de mostrar que a morte não enfraquece a solidariedade e a coesão do grupo. É praxe universal que parentes e amigos se juntem para celebrar os funerais e comemorar com cerimônias religiosas ou festas a data da morte: exemplos disso são as orgias funerárias, cujo significado é mostrar que, apesar de tudo, a vida continua, e os costumes de “beber o defunto”.

Todas as sociedades tentam minimizar os efeitos da morte na vida do grupo. Caminho universal para isso é a criação de mitos que explicam a morte como algo trivial, sem importância. Um dos mais convincentes, eficazes e difusos é a noção que a vida e a morte na terra são parte de uma corrente contínua da existência. Aceitando a idéia que a morte é seguida pelo nascimento num outro mundo, ela simplesmente não existe, é eliminada, representa só uma fase, uma passagem, na existência do espírito, e o cerimonial que a acompanha tem o mesmo valor dos ritos de passagem: nascimento, puberdade, iniciação, casamento, etc. A Igreja Católica chama o dia da morte de seus santos *dies natalis*, dia do nascimento na outra vida, na eternidade, na comunhão com Deus.

*Vita mutatur non tollitur*, rezava o latim das cerimônias fúnebres: a vida muda, não é tirada, continua em outro patamar.

*Memento mori*, lembra que morrerás, era murmurado no ouvido, por um escravo, ao general, levado em triunfo após ter derrotado um dos tantos povos “bárbaros” com os quais se defrontou Roma ao longo de sua história. A advertência tinha a função de afastar do general qualquer pensamento de aproveitar do efêmero triunfo para subverter a ordem do Estado. Lembro de ter lido que o fundador da *Playboy*, que, com a Coca-Cola e os *MacDonalds*, é um dos símbolos do ocidente capitalista, redigiu um *Style Book*, segundo o qual, entre outras proibições, não se deve falar de crianças, velhos, cadeia, desgraças e doenças. Mas, em particular, é

severamente vetado falar da Morte... Ela então não existe, é recusada, não tem lugar na cultura e no costume do mundo moderno. Como escreve Messori, “É a Grande *Apólide* (sem pátria) do nosso tempo”.

A Igreja ainda teima em fazer-nos lembrar dela. No velho catecismo de S. Pio X existia um ítem “Os Novíssimos”, quer dizer, as coisas últimas, as mais importantes para os fiéis.

Eram quatro: morte, juízo final, inferno e paraíso. Revi, anos depois, o mesmo título num livro de teologia em latim, encontrado na sacristia duma capela perdida na solidão dos Alpes. Será que o capítulo *De Novissimis* foi abandonado na Igreja pós-conciliar? A seqüência inquietante por ele evocada tem sabor de Idade Média que, no dizer de Messori, pode perturbar a imagem política de Cristo: agitador social ou mestre de sabedoria. Numa época em que a morte tornou-se obscena, falar dela é sem dúvida de extremo mau gosto. Numa época em que o homem é condenado a morrer só e abandonado, num ambiente asséptico, ligado com fios a sofisticadas aparelhagens, entre o relampejar de luzes das múltiplas cores, vigiado pelos olhos de frios especialistas, tem ainda sentido lembrar os Novíssimos?

A Morte, que antes acontecia no seio da família, na presença dos entes queridos, que recolhiam as últimas vontades, e as últimas recomendações do moribundo, hoje tornou-se motivo de vergonha, por isso tem que ser escondida e o cadáver eliminado o mais rápido possível. A morte não sacraliza hoje as suas vítimas. *Sacer esto* pronunciava o juiz da antiga Roma quando condenava alguém à morte “Sejas sagrado”. Não, hoje o defunto não é sagrado, é obsceno.

Lembro um canto em latim, cantado em cerimônias fúnebres quando ainda se usava essa língua na liturgia: *quando corpus morietur, fac ut animae donetur paradisi gloria*: “quando o corpo morrer, (faz o Senhor) que a alma receba a glória do paraíso”. O canto me impressionava e comovia. Sentia nele a voz maternal da Igreja que invocava para o defunto a glória do Céu, a visão beatífica do Criador, a companhia dos Anjos e dos Santos. E lembro as tantas mortes descritas nos clássicos da literatura: Lancelot, que, ferido de morte, se deita, abre os braços em cruz e espera a morte, a cabeça virada para o lado de Jerusalém; Isotta que pressentindo próxima a morte se deita ao lado de Tristão, virando-se para o Oriente; o arcebispo Turpin que, após a batalha de Roncesvalles, sentindo aproximar-se o fim, deita-se na nuda terra e cruza as mãos no peito; Rolando que, após a mesma batalha, ferido, deita-se ao lado da espada, pede perdão aos companheiros e junto de Oliviero pede a bênção de Deus para Carlos Magno, e à “Doce França”. Lembro ainda a morte dos Mujiks, descrita por Tolstoi e, em modo particular, a Morte de Ivan Ilich, onde o protagonista, ouvindo a palavra “acabou”, pronunciada por um dos que assistiam, diz para si “a morte está acabada, não existe mais” e morre.

“Tem remédio para tudo, menos para a morte”, recita um velho adágio. Mas hoje temos nos USA a crio-tecnologia que procura negar a realidade e promete que um milagre da ciência acabará por fazer

despertar os mortos. Aquela mesma ciência que, ao invés de libertar a humanidade da pobreza e da fome, está criando instrumentos de destruição. Aquele progresso cuja técnica, em vez de humanizar a natureza, está devastando-a. Aquela democracia que, ao invés de libertar e tornar felizes os homens, multiplicou os perseguidos políticos e os campos de concentração. Vivemos uma cultura necrófila. *Viva la Muortei*, gritavam os falangistas espanhóis. Esta necrofilia não se extinguiu com a queda do regime falangista e dos fascismos.

Novos fascismos estão surgindo nos dias de hoje em nome da liberdade e da democracia. É, sem dúvida, cômico que, numa cultura de morte, a mesma seja silenciada e escondida. S. Paulo, diz-nos que pelo pecado de Adão a Morte irrompeu na terra: “A morte é o salário do pecado” (Rm 6,23). Hoje o pecado original é refutado pela cultura moderna que presume uma inocência original. É confortante ler Pascal: *Si l'homme n'avait jamais été corrompu il jouirait dans son innocence et de la vérité et de la félicité avec assurance (Pensée 131)*: Se o homem não tivesse sido nunca corrompido poderia gozar na sua inocência tanto da verdade como da felicidade. E conclui: *l'homme est plus inconcevable sans ce mystère, que ce mystère est inconcevable à l'homme*: o homem é mais incompreensível sem este mistério, que este mistério não é incompreensível ao homem.

Deus criou o homem livre e o homem usou de sua liberdade para desobedecer ao seu Criador: “não deves comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, se comeres certamente irás morrer” (Gn 2,15).

Forte da Liberdade que o Criador lhe deu, o homem comeu o fruto, escolheu a Morte; e o Criador num ímpeto de amor para a humanidade enviou seu Filho, que através de sua Morte e Ressurreição, venceu a Morte e abriu ao homem as portas do Céu.

A Morte então tornou-se para o homem, o *Dies Natalis*, o dia do abandono deste mundo e renascer para eternidade no outro mundo.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBISETTI, C., VENTURELLI, A. *Enciclopedia Bororo*. Vol. 1, Campo Grande, 1962.

ARIÉS, P. *Storia della morte in Occidente*. Milano: Rizzoli, 1978

HAARIS, M. *La nostra specie*. Milano, 1991.

LABURTHE-THOIRA, P., WARNIER, J. *Etnologia – antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MESSORI, V. *Scommessa sulla morte*. Torino: S.E.I., 1982.

MORIN, E. *O Enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MORIN, E. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MUNTHE, A. *La Storia di S. Micheli Milana*. Garzanti, 1952.

RAGOZZINO, G. *Il fatto religioso*. Messagero, 1990.

THOMAS, L. V. *Antropologia della morte*. Milano: Garzanti, 1976.

TITIEV, M. *Introdução à antropologia cultural*. Fund. Lisboa Gulbekian, 1969.

VILLEMINOT, J. *La Nouvelle Guinée*. Paris: Marabout Université, 1966.

---

**ABSTRACT:** Death is a natural event that concerns every live being: a debt contracted since birth. *Homo sapiens* is the only being conscious of death, the only one who knows and lives with the assurance he will die someday. This certainty is associated with the difficulty in accepting it. Therefore, since the beginning of mankind man created myths the function of which was to drive away the fear of death, neutralize it by means of the conviction that death will open the path to another life. By the way, the history of human culture and civilization is registered on the graves and told by them.

Unfortunately, these days death lost the right for citizenship, and became the "Great Apolide", hidden, rejected, considered "obscene". To talk or to write about it is of extreme bad taste. Nowadays only life and everlasting youth are extolled.

Church alone, guardian of Christ's teaching, insists in reminding us that death is the price to be paid for the original sin. Death, however, was defeated by the sacrifice of God's Son who accepted it and put himself at the level of the mortal human beings, to overcome it shortly afterwards with his Resurrection. For the true Christian, death's day is *Dies Natalis*, the day of birth to eternity to stay in the company of all elected people.

**KEY WORDS:** Death; literature; anthropology; refuse; acceptance; christian view

---